

Sexualidade em Casa, na Escola e na Vida

Sexuality at Home, in School and in Life

Cleide Pereira Oliveira

Universidade do Estado da Bahia - Brasil
clemaiale@ig.com.br

Resumo

O projeto sobre Sexualidades foi desenvolvido em forma de oficinas temáticas para dois grupos de jovens e adolescentes com perfis distintos na cidade de Salvador, Brasil. O primeiro grupo foi composto exclusivamente por adolescentes do sexo feminino, com idade entre 15 a 21 anos, moradoras da periferia da cidade. As oficinas foram realizadas por causa do número de adolescentes expostas à violência contra a mulher e aos casos de gravidez na adolescência. O segundo grupo foi formado por alunos/as de uma escola pública, com idades entre 11 a 14 anos. Trabalho foi baseado em atividades lúdicas e essa metodologia favoreceu a interação do grupo e a vivência do tema de forma prazerosa. Apesar das diferenças de gênero e idade entre os dois grupos considerados para a pesquisa, foi possível construir importantes propostas de trabalho em educação sexual que são aqui relatadas.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação Sexual; Ludicidade.

Abstract

The project about sexualities was developed as thematic workshops with two different groups of young people in Salvador, Brazil. The first group was composed exclusively of female teenagers aged 15-21 years old, residents of the outskirts of the city. The workshops have been carried out due to the violence against women to which the teenagers are exposed and the large number of early pregnancies. The second group was composed of students of one public school (male and female) aged from 11 to 14. This work was based on recreational activities. This methodology allowed the interactions of people and the enjoyable experiences in learning about sexualities. Despite of the gender and age differences between the both groups considered by this research, it was possible to build important work proposals on sexual education, that are here reported.

Keywords: Sexuality, Sexual Education; Ludic activities.



Introdução

Atualmente sou professora e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Durante o período de 2002 a 2012 desenvolvi minhas atividades de docência no Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS. O CREAS, inicialmente, foi implantado com o objetivo de atender crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Na atualidade, atende um público diversificado composto não apenas por criança ou adolescente, mas também, mulheres, pessoas com deficiência e idosos, que tiveram os seus direitos violados. Para isso, sua equipe é multiprofissional formada por psicólogos, educadores, advogadas, pedagogas e assistentes sociais. Como o trabalho de prevenção da violência sexual tem interface com o desenvolvimento de uma sexualidade segura, dedicamo-nos ao desafio de planejar oficinas com o tema da educação sexual para o público de alunos/as. Esta foi uma oportunidade de experimentar algo novo em relação às oficinas desenvolvidas pela instituição contribuindo para a ressignificação da sexualidade em nossas vidas e na dos adolescentes a partir das escutas, vivências e trocas de experiência. A proposta de trabalho teve como objetivo principal: discutir com os/as adolescentes o conceito de sexualidade e de educação sexual na contemporaneidade permitindo assim, uma ação reflexiva sobre os temas e um desenvolvimento saudável da sexualidade. E específicos:

- Conhecer e cuidar do próprio corpo percebendo que o desenvolvimento de uma sexualidade saudável passa pela questão da informação e do conhecimento;
- Valorizar os direitos sexuais dos indivíduos como integrantes dos direitos humanos;
- Respeitar a diversidade de orientações sexuais presentes na nossa sociedade contribuindo assim, para não discriminação e

preconceito.

Sexualidade: em casa, na escola e na vida

Sexualidade é um termo definido por alguns estudiosos, como uma necessidade de receber e expressar sentimentos, valores e contato que todas as pessoas têm e que traz sensações prazerosas para cada um. Assim, sexualidade não é apenas sexo, é o toque, a atenção, o abraço, o gesto, a expressão corporal, a palavra que transmite satisfação entre as pessoas e que temos desde antes de nascer, no ventre materno, quando bebês e durante toda a vida. Para Freud, a sexualidade se inicia antes mesmo do nascimento, na vida intrauterina. Para alguns estudiosos, a sexualidade está altamente relacionada à base emocional do ser humano. Entretanto, fatores culturais, religiosos e familiares influenciam a forma como determinada sociedade e seus membros exercem sua sexualidade. Certos tipos de sociedade possuem valores considerados 'milenarios', indiscutíveis, ou inquestionáveis, muitos mitos e dúvidas são perpetuados de geração para geração, produzindo preconceitos e dogmas que podem atrapalhar o desenvolvimento pleno e saudável da vida de seus integrantes. Abaixo alguns 'mitos' que ainda ocorrem com frequência em nossa sociedade:

O homem está sempre querendo e pronto para o sexo;

O sexo deve ocorrer apenas (ou principalmente) por iniciativa do homem;

Mulher que toma iniciativa sexual é imoral;

Masturbação é sujeira e pode prejudicar o desempenho sexual;

Um homem não pode dizer não para o sexo;

Sexualidade é apenas aprender sobre sexo, e isso é coisa de adulto.

Cleide Pereira Oliveira

O rompimento com paradigmas, com ideias pré-estabelecidas associadas à liberdade de expressão e busca pelo conhecimento do próprio corpo, além da satisfação dos desejos, trazem descobertas favoráveis ao exercício da sexualidade. É preciso começar na infância. Segundo Ribeiro, (2011) 'as crianças têm o direito à intimidade, a manifestar sua sexualidade'.

O desenvolvimento de uma sexualidade infanto-juvenil segura e saudável passa pela necessidade de proteção do corpo da violência sexual, por isso uma das oficinas do projeto aborda este tema. A violência sexual é uma violação ao 2º Direito Sexual que diz respeito a: 'segurança e integridade dos órgãos sexuais', ou seja, tocar no corpo de uma criança ou adolescente sem ou com o seu consentimento é violência. Direitos Sexuais são direitos Humanos. O tema é delicado e nem sempre é pauta de fato para criação e implementação de políticas públicas, por isso é necessário a abordagem deste problema através de uma educação sexual, onde questões pertinentes à violência sexual perpassariam o currículo criando assim, uma atitude de proteção consigo e com o outro.

A sexualidade em casa

Muitos pais pedem constantemente informações sobre o que fazer quando seus/uas filhos/as fazem perguntas relacionadas a sexo. Quase sempre são pegos de surpresa, e agem como se seus filhos fossem pessoas assexuadas, desprovidas de desejo ou no mínimo pouco curiosas. Ao serem questionados pelos filhos/as sobre sexualidade, alguns pais se sentem confusos, constrangidos e até mesmo desrespeitados. É notório pensar que a dificuldade em falar sobre sexualidade com os seus/uas filhos/as advém de valores apreendidos e regras sociais e morais 'recheadas' de tabus e preconceitos, considerando também, a influência de uma

sociedade ocidental, machista, sexista e patriarcal.

Em meio às dificuldades de diálogo para falar sobre o assunto, o importante é evitar a mentira e as histórias fantasiosas como a da 'cegonha' ou da 'sementinha' ou qualquer outra que subestime a inteligência da criança.

Respeitando a idade e a capacidade de compreensão da criança, o ideal é que - numa linguagem simples, objetiva e clara - os pais falem exatamente 'o que' acontece e 'como' acontece, procurando responder somente aquilo que a criança perguntou e não antecipando informações desnecessárias no momento. (HAWTON, 1990)

Segundo estudiosos, não se devem protelar as respostas ou reprimir a curiosidades ou o interesse da criança, dizendo, por exemplo: 'isto não é assunto de criança', ou, "onde você viu/ouviu isso, menino". Na maioria das vezes, as primeiras perguntas em torno do assunto sexualidade surgem por volta dos 4 ou 5 anos, diz respeito a reprodução humana. 'Como eu nasci?', de onde vem os bebês? .De acordo com Pollo (2011) 'qualquer sexualidade comporta algo até certo ponto traumático para o filho do homem, que experimenta muito cedo as sensações sexuais sem saber exatamente o que acontece com seu corpo e o nome a ser dado ao que sente'.

A repressão ou associação à ideia de sujo, nojento, errado ou proibido, podem gerar crenças que irão perdurar por boa parte da vida. Mas danoso ainda é a violência sexual, esta interfere significativamente no desenvolvimento pleno e saudável da sexualidade humana, por isso no trabalho desenvolvido foram discutidas algumas estratégias de aproximação/ sedução utilizados pelo/a agressor/a sexual, como forma de prevenção. A proposta foi conhecer para prevenir.

A sexualidade na escola

Apesar de termos a 13 anos um Parâmetro Curricular Nacional sobre 'Orientação Sexual' parece que este assunto ainda é tabu para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares nas escolas. Muitas vezes o enfoque dos trabalhos sobre educação sexual parte da ideia repressora da sexualidade, geralmente os aspectos biológicos da reprodução estão em relevância em relação ao trabalho com outras temáticas que proporcionaram descobertas, comportamentos proativos e o desenvolvimento saudável da sexualidade. A falta desta prática constante nas escolas produz pouca informação, reforça comportamentos preconceituosos e discriminatórios em relação a si mesmo e ao outro. Orientação sexual, identidade de gênero, dentre outras questões não são respeitadas, podendo ocasionar conflitos do ponto de vista ético e moral, influenciando no aparecimento de violências na sociedade.

Dentre os vários papéis desempenhados pela escola, é importante destacar a função de defesa e proteção, que, em alguns momentos, a escola assume em parceria com a família. Defesa e proteção, no âmbito da sexualidade, perpassam pelo respeito aos direitos sexuais e reprodutivos. Essa discussão ganhou 'força', após a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, servindo como referência para o trabalho com a educação básica em todas as escolas do País, tendo a sexualidade como tema transversal. Mas, a necessidade de discutir sobre sexualidade, sobretudo no ambiente escolar, foi impulsionada pelos movimentos históricos, conforme é citado no trecho abaixo:

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos

60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. Com diferentes enfoques e ênfases, há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, repensar o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino. (PCNs, Orientação Sexual, 2001, p. 291)

Documentos sobre Saúde Escolar propõem que se incentive a adoção de atitudes favoráveis a uma vida saudável pela comunidade escolar, portanto através de um trabalho eficaz que envolva educação sexual poderemos dialogar, discutir e informar os/as adolescentes sobre o desenvolvimento de uma sexualidade segura e prazerosa.

Trabalhar o tema da sexualidade em oficinas temáticas favorece um novo olhar dos/as adolescentes e nosso sobre este tema colaborando para o desenvolvimento mútuo. Notícias nos meios de comunicação a todo o momento evidenciam questões referentes aos direitos sexuais, casos de homofobia, orientação sexual, identidade de gênero, dentre outros envolvendo o universo da sexualidade. A escola precisa através de sua proposta de currículo abordá-los, ignorá-los neste século, só serve para reforçar comportamentos preconceituosos e discriminatórios em relação a estas questões. Precisamos introduzir o tema da sexualidade na escola de forma natural fortalecendo assim, o debate e o conhecimento sobre o mesmo.

A sexualidade na vida

Como enfatizamos inicialmente nesse artigo, a sexualidade humana não se limita à reprodução da espécie, embora que, no passado, existia um modo de pensar do senso comum que vinculava sexualidade e reprodução baseada nos critérios biológicos, médicos e morais. Dessa forma, façamos uma breve análise da sua complexidade, para melhor entendê-la.

Alguns estudiosos afirmam que o/a filho/a do homem/mulher, ao nascer, possui uma dependência maior de cuidado e de atenção, do que os filhotes de animais de outras espécies, sem os quais não sobreviveria. Logo, por dedução, o nascimento do ser humano é sempre prematuro, tornando o desenvolvimento de sua sexualidade cada vez mais dependente de fatores externos. Um processo de construção diária, cada vez mais desafiador. Após o nascimento, surge o registro civil (masculino ou feminino), que pode não corresponder ao 'registro biológico', seus desejos, sua maneira de ver o mundo, suas habilidades e aptidões. Daí, esta posto para esse indivíduo um desafio muito grande, entender a sua sexualidade, assumi-la e gostar-se, acima de tudo. Segundo o documento *Promotion of Sexual Health: Recommendations for Action*, da Organização Pan-Americana de Saúde e da Organização Mundial de Saúde, com colaboração da Associação Mundial de Sexologia (2000): a sexualidade inclui gênero – conjunto de valores, atitudes, papéis, práticas ou características culturais baseadas no sexo biológico (macho ou fêmea) –, identidade sexual e de gênero – define como a pessoa se identifica, enquanto masculino, feminino, ou uma combinação de ambos –, orientação do desejo sexual.

Enfim, exercer a sexualidade de forma saudável, requer do/a indivíduo/a um esforço inesgotável e diário pela busca do

autoconhecimento. Mas, ainda que ele/a reconheça essa necessidade, deve basear-se num princípio básico de relacionamento e convivência: o respeito ao outro. Uma 'viva a diversidade'.

Aspectos da vida cotidiana, familiar e escolar envolvendo o desenvolvimento e os exercícios da sexualidade humana se entrelaçam, se cruzam e são construídos pelas relações sociais estabelecidas, ou seja, é na interação que são criados valores, atitudes e conceitos sobre sexualidade, por isso é tão importante discuti-los.

As oficinas lúdicas

Realizamos 07 oficinas temáticas com carga horária semanal de 02 horas. Aconteceram no turno oposto ao de estudo e com autorização dos responsáveis. Para tanto foi realizada uma reunião prévia com os responsáveis pelos alunos/as abordando a importância do assunto para formação dos/as estudantes, bem como apresentação dos temas que seriam trabalhados.

Durante as oficinas do projeto, relacionamos o conteúdo escolar com o tema sexualidade, através de brincadeiras, interpretação de desenhos, músicas e outras formas lúdicas de apresentação. O caráter lúdico esteve presente em todos os momentos. Sobre as atividades lúdicas Luckesi cita que:

Um educador, um gerente de recursos humanos, um psicólogo ou qualquer outro profissional que trabalhe com pessoas e saiba manejar atividades lúdicas tem em suas mãos um importantíssimo recurso para ajudar o outro a aprender e a crescer responsabilmente, mas de modo alegre, fluido e feliz. (LUCKESI, 2007, p.18).

Metodologicamente utilizamos: pesquisas, aula de campo, exposições dialogadas, trabalhos em grupo, exibição de filmes, jogos

Cleide Pereira Oliveira

e brincadeiras, construção de portfólio, rodas de conversa, utilização de tecnologias de informação e comunicação (revistas eletrônicas, redes sociais), dentre outras que se fizeram necessário para o desenvolvimento do trabalho. A escolha da metodologia esteve sempre associada ao perfil do grupo participante das oficinas.

As oficinas foram planejadas de modo a possibilitar a construção de novos conhecimentos sobre o assunto, portanto os conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais fizeram parte deste processo. Destacamos neste artigo algumas atividades realizadas no decorrer do projeto que utilizamos a ludicidade.

Atividade nº 1 - 'Soletrando da Sexualidade'. atividade análoga ao 'Soletrando' realizado num Programa da Rede Globo de Televisão, só que as palavras escolhidas fazem parte do universo da sexualidade e podiam possuir ou não alguma dificuldade ortográfica. Ao final do exercício de soletração era apresentado aos grupos que competiam a palavra escrita corretamente e o seu significado. Palavras tipo: homossexualidade, namoro, hímen, excitação, dentre outras foram soletradas pelos/as adolescentes e foram vivenciadas de uma maneira muito agradável pelo grupo. As palavras soletradas na maioria das vezes iriam compor o 'Dicionário da Sexualidade', outra atividade realizada com o intuito de oportunizar aos participantes o contato com palavras diferentes e o seu significado, ampliando desta forma, o vocabulário e o conhecimento sobre sexualidade.

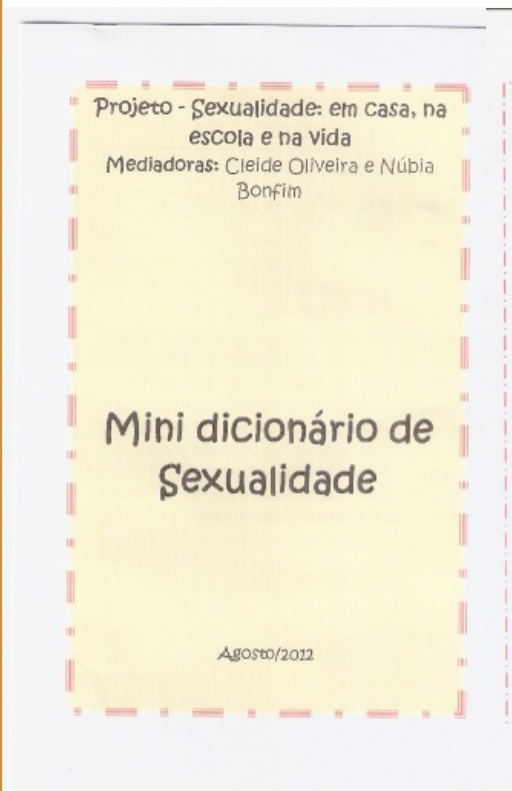


Figura 1 - Minidicionário de Sexualidade.

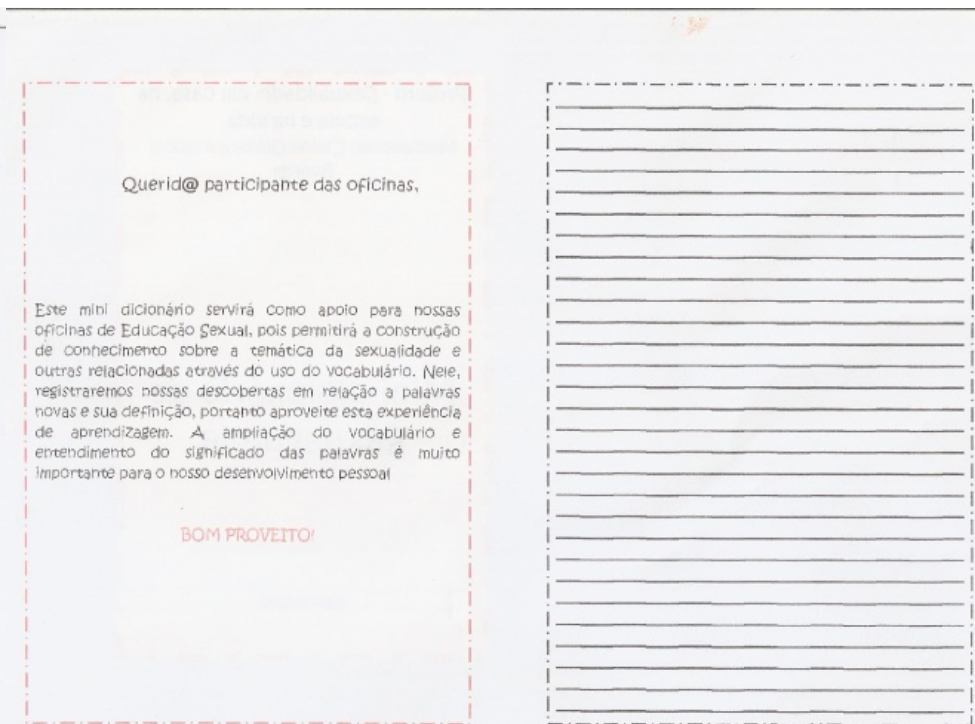


Figura 2 - Soletrando da Sexualidade.

Atividade nº 2 – Leitura de imagens com pessoas em diversas situações no exercício de sua sexualidade. A atividade consistiu em desenvolver a habilidade de ler imagens e interpretá-las, tendo como tópico norteador a identificação ou o reconhecimento do exercício da sexualidade na imagem escolhida. No desenvolvimento da atividade/brincadeira, são colocadas à disposição do grupo várias figuras recortadas de fontes diferentes, e teoricamente aleatórias, como por exemplo: - pessoas dando um abraço, demonstrando sentimento através de choro ou sorrindo, outras vestindo camisetas com mensagens ideológicas, mãe amamentando o filho, etc. A partir dessa exposição de imagens, cada participante escolhe uma figura e comenta para o grupo de que forma ele/a percebeu ou não o exercício da sexualidade na imagem escolhida.



Figura 3 e 4 - Desenvolvimento da dinâmica de imagens sobre sexualidade.

Atividade nº 3 - 'Fala sério sexualidade tetra'¹. Nessa atividade, o grupo foi convidado a assistir um vídeo de 3 min. cujo tema é a sexualidade em pessoas com deficiência física. Trata-se de um rapaz tetraplégico que faz um depoimento onde narra algumas dificuldades que um jovem com deficiência enfrenta para viver plenamente sua vida sexual. Ao citá-las, traz à tona, várias situações provocadas por uma

sociedade que trata de maneira desigual o diferente. O vídeo foi considerado extremamente interessante pelas participantes, pois suscitou questionamentos que, até então, a maioria delas ainda não havia refletido. Por exemplos:

-Ir a um motel (pois são raros os locais que tem estruturas adaptadas para pessoas com dificuldade de deslocamento);

-O preconceito (é quase senso comum a crença de que as pessoas com alguma deficiência não fazem sexo); Paralelamente a esta questão exibimos uma charge (figura nº 01) sobre isto, o que gerou mais discussões. (Imagem 5).



Figura 5.



Cleide Pereira Oliveira

Atividade nº 4 – Bingo Educativo.

Desenvolvemos um bingo com finalidade educativa, nesta atividade na cartela constam respostas sobre perguntas em relação ao tema violência sexual. A facilitadora sorteia as perguntas uma a uma e os participantes devem identificar na cartela suas respectivas respostas. Com esta ação desejamos brincar com os conhecimentos aprendidos na oficina.

Atividade nº 5 – Roda de conversa sobre namoro. Inicialmente ambientamos a sala da oficina de maneira a deixá-la acolhedora e os participantes relaxados para uma atividade de diálogo sobre namoro, para isso esteiras foram espalhadas no chão juntamente com almofadas. Foram construídas perguntas orientadoras para roda de conversa, exemplo:

1 – Quem já teve o primeiro amor?

2 – Quem já teve um “chato/a” pegando no pé para namorar?

3 – Se já deram o primeiro beijo e como foi?

Após uma sequência de perguntas que possibilitou a livre expressão dos participantes de forma descontraída, foram apresentados slides sobre a história do beijo.

Atividade nº 6 – Vídeo: 'Como explicar a masturbação ao seu filho'. Fragmento retirado do filme 'Amor e Sexo' retrata a dúvida de uma criança sobre a prática da masturbação, nele a família se 'enrola' para explicar tal ação que faz parte da educação sexual. A partir desta discussão são apresentados os direitos sexuais em forma de desenhos para que o aluno compreenda que possuímos direitos em relação a nossa sexualidade e estes fazem parte dos direitos humanos. O objetivo foi criar uma cultura de respeito à sexualidade do outro, inclusive das pessoas com deficiência.

Considerações Finais

Na atualidade é necessário que as escolas assumam definitivamente o papel de também realizar educação sexual. Discussões sobre sexualidade e educação sexual devem contemplar elementos do 'universo adolescente' tornando assim, o tema atrativo para este público. Deve fazer parte deste planejamento atividades lúdicas. Abordar o tema de forma prazerosa contribui para construção de conhecimento significativo.

O desenvolvimento do projeto de sexualidade foi prazeroso para as mediadoras e para os/as participantes, pois a metodologia utilizada proporcionou esta vivência. Os registros nas fichas ao final das oficinas e no quadro avaliativo semanal mostraram isto. A utilização da avaliação semanal favoreceu o acompanhamento das atividades de forma contínua possibilitando compreender o entendimento dos/as adolescentes sobre os assuntos abordados e quanto de relevância eles tiveram para o aprendizado das mesmas conforme figura 6.

	Oficina 1 Data: Tema: Sexualidade	Oficina 2 Data: Tema: Direitos Sexuais	Oficina 3 Data: Tema:	Oficina 4 Data: Tema:	Oficina 5 Data: Tema:
ALUNA					
Adriene A. dos Santos	MELHOR		maravilhoso	beleza	
Carla dos Santos	Adora!!!		AMEI TUDO	Valeu	
Daline da S. Carvalho	MELHOR	BOM	maravilhoso	Valeu	
REJANE					
Daniele de O. Vieira					
CRISTIANA					
Janine de J. Silva				BELEZA	

Figura 6 - Quadro da avaliação semanal das oficinas.

A realização deste trabalho mostrou que a educação sexual necessita fazer parte do processo de escolarização de crianças e adolescentes. O tema precisa ser a bola da vez, ou melhor, nunca deixar de ser. Neste século precisamos primar por temas que possibilitem um desenvolvimento integral do indivíduo e o tema da sexualidade ainda é cercado de preconceito e discriminação necessitando ser pauta das políticas públicas em educação e do currículo escolar.

Acreditamos que a prática de educação sexual desenvolvida em forma de oficinas para os/as adolescentes foi valiosa porque os registros da tempestade de ideias (O que sei sobre sexualidade) no primeiro dia e o registro do que 'aprendi' no último dia de oficina mostrou isto. Com esta atividade comparamos o que já existia de conhecimento prévio sobre o assunto e o que foi construído a partir das vivências das oficinas. Os próprios alunos/as compararam sua caminhada.

É importante destacar que optamos por realizar estas oficinas para pequenos grupos, ou seja, em torno de 20 adolescentes porque possibilita uma maior interação do grupo e a participação mais qualitativa. A realização das oficinas no grupo com faixa etária entre 11 a 14 anos foi mais difícil de ser desenvolvida por causa da maturidade de alguns membros do grupo, entretanto o conhecimento de 'mundo' de outros participantes contribuiu para torná-la mais interessante. As curiosidades sobre o tema afloravam de forma bastante natural. Constatamos que os participantes tinham muita informação sobre sexo e que isto era confundido com sexualidade, procuramos no decorrer das oficinas qualificar estas informações e transformá-las em conhecimento.

O trabalho desenvolvido nesta turma exigiu uma linguagem e metodologia diferenciada para atender a especificidade do grupo (muito jovem), além da revisão nos

materiais (slides, informativos, etc.) que seriam apresentados. Ressaltamos também que os custos elevados para aquisição de materiais educativos nesta área inviabilizam a realização de um trabalho baseado em objetos concretos que permitam a experimentação dos conhecimentos.

O universo adolescente é muito plural, estão numa fase de desenvolvimento em que contestam o mundo, que querem experimentar, e se mostrar. Fase nem sempre compreendida pelos adultos e que exige dos educadores/as um mergulho na compreensão e nos estudos sobre adolescência, educação sexual e sexualidade. As oficinas teórico/práticas para este público devem ser de fácil entendimento e se estruturar numa linguagem jovem, isto não quer dizer que devemos privar os/as alunos/as de conhecimentos mais teóricos sobre os temas, mas sim adequá-los a realidade desta fase de desenvolvimento. Planejar as oficinas sempre pensando em tornar determinado conteúdo lúdico foi desafiador, porque exige um trabalho de professor/a pesquisador/a aliado a prática e exercício da capacidade criativa.

1 Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=OYqG__4prek

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília, DF: MEC/SEF, 2001.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho; BARBOSA, Maria Paqueta Moreira. **Oficinas sobre Sexualidade e Gênero**. Salvador: Editora Helvécia, 2007.

HAWTON, K. **Sex therapy: a practical guide**. New York: Oxford University Press,

1990.

LIMA, Carla. **A Curiosidade infantil e a descoberta da sexualidade.** 2011. Disponível em: <www.portaldasexualidade.com.br>. Acesso em: 18/02/2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e desenvolvimento humano. In: MAHEU, Cristina d'Ávila (org). **Educação e Ludicidade – ensaios 04.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

NASCIMENTO, Maria José do; SILVA, Yara Fonseca de Oliveira (Org). **Gênero, Sexualidade e Trabalho: ações educativas na educação profissional.** Goiânia: Kelps, 2011.

POLLO, Vera. **A interpretação psicanalítica da sexualidade.** 2011. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescentes/textos>>. Acesso: 18/02/2014.

RIBEIRO, Cláudia. **Não existe política de capacitação do professor para ele entender que a sexualidade é diferente de sexo.** 2011. Disponível em: <www.educacional.com.br>. Acesso: 18/02/2014.

Recebido em 15 de dezembro de 2013.
Aceito em 08 de fevereiro de 2014.

Cleide Pereira Oliveira